

RELAÇÕES E CONEXÕES  
ESPACIAIS ENTRE A  
MATA DO SÃO JOÃO  
DA VÁRZEA E A OFICINA  
FRANCISCO BRENNAND

Paula Miréia Ramos de Oliveira

# ARTES, MUSEUS E ANTROPOCENO MÓDULO II

**COORDENAÇÃO** Jamille Barros  
Camila Santos  
Ariana Nuala  
Gleyce Kelly Heitor  
Henrique Falcão  
Nayara Passos

**ORIENTADOR** Hugo Menezes Neto

**INTERLOCUTORES** Alexandro Silva de Jesus  
Ana Cláudia Rodrigues  
Camila Santos  
José Jorge de Carvalho  
José Marcelo Marques Ferreira  
Rita Vênus

**BOLSISTAS RESIDENTES** Bruna Alves de Lima  
Paula Miréia Ramos de Oliveira

**REVISÃO** Maria Cecília Villanova  
Whodson Silva  
Boneca Lab

**DIAGRAMAÇÃO** Filipe Aca

# RELAÇÕES E CONEXÕES ESPACIAIS ENTRE A MATA DO SÃO JOÃO DA VÁRZEA E A OFICINA FRANCISCO BRENNAND

Paula Miréia Ramos de Oliveira

O presente escrito é fruto de uma pesquisa, no âmbito do projeto “Museu, Arte e Antropoceno”, realizada por mim, uma geógrafa em formação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), e orientada pelo antropólogo Hugo Menezes Neto, entre junho de 2023 e dezembro de 2024. Meu objetivo é o de analisar as relações e dinâmicas territoriais que concernem a Oficina Francisco Brennand e os limites espaciais da Mata São João da Várzea, refletindo a temática do Antropoceno. Aqui, moldei as minhas vivências e reflexões neste formato de ensaio.

Como geógrafa, preferi iniciar meu estudo a partir do conceito de “espaço”, pois ele constitui o elo fundamental entre as vivacidades sociais que se entrelaçam na Oficina Francisco Brennand e na comunidade ao seu redor. O espaço não é apenas o palco onde essas interações ocorrem, mas o resultado das práticas e transformações humanas, sendo essencial para compreender as dinâmicas territoriais e culturais.

Para aprofundar essa análise, apoiei-me na reflexão de um dos mais notórios geógrafos brasileiros, Milton Santos, que afirma que “o espaço é resultado da ação dos homens sobre o próprio espaço, intermediados pelos objetos, naturais e artificiais” (1988, p. 780). Esse diagnóstico entende o espaço como uma construção ativa, moldada por forças sociais, históricas e ambientais, ao invés de ser uma simples área física. Assim, o estudo do território em questão será conduzido a partir dessa perspectiva, começando pela caracterização desse espaço específico.

Os procedimentos metodológicos adotados se basearam em um conjunto de etapas articuladas entre trabalho de campo, pesquisa bibliográfica, processos de discussão e escrita orientada. Inicialmente, foram realizadas visitas semanais à Oficina, em conformidade com a carga horária estipulada pelo projeto. Essas incursões permitiram a observação direta do funcionamento museológico da Oficina, possibilitando uma compreensão aprofundada sobre as suas dinâmicas operacionais, a atuação da equipe do setor educativo e a interrelação entre os diferentes setores da instituição.

Paralelamente à imersão no campo, a pesquisa teórica foi conduzida por meio da leitura de textos selecionados pelo orientador, que serviram de base para interpretar os fenômenos observados e estruturar o referencial teórico. As leituras foram discutidas em reuniões para aprofundamento crítico e definição da temática. A escrita, por sua vez, ocorreu sob orientação, garantindo a articulação entre teoria e prática, resultando em uma abordagem integrada para a compreensão da problemática investigada.

## O ESPAÇO: A MATA

A Mata do São João da Várzea faz parte do bioma de Mata Atlântica que está situado na cidade do Recife. Conforme a Agência Estadual do Meio Ambiente do Estado de Pernambuco (CPRH), a mata ocupa 64,52 hectares no bairro da Várzea. A floresta é uma Mata Atlântica Secundária, e o Conselho Nacional do Meio Ambiente (1994) caracteriza esse ecossistema como “formações herbáceas, arbustivas ou arbóreas decorrentes de processos naturais de sucessão, após supressão total ou parcial da vegetação original por ações antrópicas ou causas naturais”.

A floresta secundária é a vegetação que ressurgiu após um período de uso temporário para fins agrícolas ou pastoris, restabelecendo-se subsequentemente ao abandono dessas atividades. Além disso, são consideradas secundárias as florestas que, ao sofrerem modificações significativas, perderam suas características primárias. Grande parte da Mata Atlântica no Brasil é constituída por florestas secundárias, que se encontram em variados estágios de desenvolvimento.

## Mapa de Localização: Oficina Francisco Brennand



Oswaldo Nascimento (2017) declara que essa floresta é denominada como Mata do Curado e também como Mata de Brennand. Todavia, na legislação estadual que discorre sobre as Unidades de Conservação (UC), a Mata de Brennand é nomeada como Mata do São João da Várzea, e a Mata do Curado é uma outra UC. A região foi titulada politicamente como uma UC em 1987, e categorizada como Refúgio da Vida Silvestre (RVS) em 2011, por meio da lei nº 14.324, que dispõe sobre a classificação das reservas ecológicas da Região Metropolitana do Recife.

Examinando atentamente a representação cartográfica por meio da imagem de satélite que concerne à posição da Oficina e seus contornos, é possível observar as sutilezas cromáticas que demarcam a Mata da Várzea e os perímetros habitacionais. Tudo aquilo que não é verde indica uma concentração populacional urbanizada. Olhando o contexto geral da imagem acima, é notório o isolamento geográfico da Oficina Brennand das áreas densamente populosas da Zona Oeste do Recife. É instigante imaginar o que ocorreu durante os recentes processos de urbanização que transformaram as linhas que dividem as zonas verdes das outras cores em linhas tão retas e precisas.

Em relação aos segmentos lineares presentes no mapa, o pensamento primordial que se percorreu foi o da política ecológica brasileira. O conservadorismo ambiental do Brasil e sua legislação seguem uma lógica de ilhatização de matas. Esse adjetivo facilita a compreensão da ideia de preservar legislativamente apenas o que está dentro do recorte da Unidade de Conservação, caracterizada pela lei como

Espaço territorial e seus *recursos ambientais*, incluindo as águas jurisdicionais, com características naturais relevantes, legalmente instituído pelo Poder Público, com objetivos de conservação e limites definidos, sob regime especial de administração, ao qual se aplicam garantias adequadas de proteção (Brasil, 2000, grifo nosso).

Averiguando a legislação brasileira, o termo “recursos naturais” demonstra o uso de um pensamento capitalista que rege a natureza como algo a ser explorado. Ressalto que a água, o oxigênio, as florestas e a moradia são direitos fundamentais da humanidade, e eles devem ser utilizados para o benefício das pessoas, e não servirem para proveito do lucro ou do capital. Portanto, utilizarei aqui o termo “bem comum” para me referir aos bens que a natureza, desde tempo imemoriais, provê para a sobrevivência humana na Terra.

No contexto brasileiro, é necessário refletir sobre como a distinção entre preservação e conservação molda as políticas ambientais. Enquanto a primeira tende a impor restrições que podem marginalizar populações tradicionais, a segunda propõe um uso equilibrado dos bens naturais, integrando saberes locais. No entanto, quando essa discussão não é aprofundada, corre-se o risco de que medidas aparentemente protetoras acabem servindo a interesses específicos, em detrimento de uma gestão territorial verdadeiramente inclusiva e sustentável.

Retornando à análise espacial delineada no mapa apresentado, a separação das cores cinza e verde na imagem exemplifica a dissolução legítima da UC com a zona habitada pela população da Várzea, e a parte não urbanizada, uma fragmentação

em formato de *ilhas verdes* cercadas pelo mar acinzentado da metrópole. Ainda assim, o bairro da Várzea é considerado um dos mais arborizados por estar próximo ao trecho da Mata Atlântica recifense.

## O BAIRRO DA VÁRZEA

As zonas de várzea são áreas planas localizadas nas margens de cursos d'água, caracterizadas por solos férteis resultantes do acúmulo de sedimentos trazidos pelas cheias sazonais. Essas regiões oferecem condições altamente desenvolvidas para a agricultura e desempenham um papel vital no ecossistema, funcionando como áreas de recarga hídrica e habitats para diversas espécies. No caso do Recife, o Rio Capibaribe serpenteia a cidade com os seus cursos e tece a história social local. Durante os primeiros processos de exploração de pessoas e de bens naturais, os europeus atribuíram valor ao rio e instalaram os engenhos de cana-de-açúcar próximos à ele. Segundo Camilla Monte (2019), o bairro da Várzea foi um dos principais produtores de açúcar no século XVI e, dessa forma, carrega consigo um passado repleto de cicatrizes coloniais.

A paisagem da Várzea é marcada pelo passado colonial, mas sua identidade não se limita à memória desse período. Ela se define, sobretudo, pela resiliência de um povo que desafiou as imposições coloniais e forjou, ao longo dos séculos, um território de cultura, pertencimento e constante reinvenção. Longe de ser apenas um vestígio da história, a Várzea é um testemunho vivo da capacidade de resistência e transformação, onde a experiência coletiva reconfigura, com vigor e autenticidade, o significado de permanência e identidade. O bairro da Várzea trata-se de uma comunidade única no Recife, repleta de historicidade, sentimento, cultura e pertencimento. O dizer “O problema da Várzea é o Brasil” está em diversos locais, seja nas batalhas de *trap*, nas rodas de coco e de capoeira, brega, forró e samba, nos estandartes dos maracatus ou na oralidade dos moradores varzeanos.

De acordo com Monte (2020), a Várzea atualmente ostenta uma vida rica e multifacetada, seja pela paisagem ou pelo território. Na sua pesquisa, a autora indaga “Quantos

bairros comportam um bairro?”. A partir disso, analisa a complexidade da comunidade que se subdivide em sub-bairros que não estão categorizados pelos órgãos regulamentadores da Prefeitura do Recife, mas que trazem características e fluxos próprios. Monte (2020) ainda classifica esses sub-bairros em Área Central, Brasilit, Cidade Universitária, Barreiras, Jardim Petrópolis, UR-7 Várzea, Loteamento Santo Cosme e Damião, Jardim Teresópolis e Alphaville Brennand. Ainda há a divisão dos bairros de Totó, Sancho, Jardim São Paulo, Cidade Universitária, Caxangá, Engenho do Meio, Torrões e San Martin.

## PRIMEIRAS IMPRESSÕES: A OFICINA

É nesse contexto recifense e varzeano que a Oficina Francisco Brennand está inserida. O acesso ao museu se dá por uma estrada de terra com aproximadamente 2 km de extensão. Esse caminho é cercado por uma profusão de espécies de árvores e bichos de uma Mata Atlântica Secundária. O Rio Capibaribe acompanha o percurso, cercado pela vegetação ciliar que o protege. Tal cenário diverge das múltiplas estradas e vias urbanas que entrelaçam a paisagem citadina do Recife. Chegado um certo ponto do percurso verdejante da Mata do São João da Várzea, novas cores alcançam a vista, e as esculturas causam impacto pelas cores e pelo tamanho que contrastam drasticamente com os horizontes da mata.

Conduzida pelos caminhos, ao adentrar o Pátio do Templo senti as esculturas pulsarem nos murais e invadirem os espaços. Observei as obras de barro literalmente brotando do solo. As esculturas, imponentes pelas suas cores, formas e tamanhos, moldadas na forma de serpentes, capturaram minha atenção. Elas emergem com naturalidade. Tudo se esclarece, haja visto que tudo se insere em um contexto visualmente coeso. Mesmo diante da minha compreensão inicial limitada da arte brennandiana, fui capaz de perceber uma narrativa única, cuja existência se encontra exclusivamente imersa no ambiente da Oficina.

O poema de Sandra Santos (2008) que encontrei ocasionalmente em um livro no escritório da Oficina, retrata de maneira simples e sensível às impressões que tive ao visitar esse pela primeira vez:

Aqui, a arte brota da terra.  
Aqui, a arte brota das mãos.  
Aqui, a arte entra nos olhos,  
Circula no Sangue  
Dentro das veias  
E vai ao coração.  
Aqui, o imaginário germina no chão.  
Aqui, o imaginário germina do homem.  
Aqui, o imaginário toma a pele  
Soa como música.  
Tudo é Sangrado  
Para quem tem paixão.

No Pátio do Templo, a frase de Francisco Brennand: “Não interrompa esse silêncio, não interrompa esse sonho”, de 1986; deixa evidente que aquele lugar é parte de um imaginário onírico do artista, onde o sonho se materializa por meio do barro. Nesse sentido, Lima (2009) enfatiza que a obra de Francisco Brennand se sobressai, especialmente pela versatilidade do artista em transitar por distintas formas de expressão e explorar uma diversidade de materiais. Seja na escultura, na pintura ou nos versos dispersos pela Oficina, Brennand edificou, no centro de um resquício de uma mata que resiste e sobre as ruínas de uma fábrica de tijolos, um espaço que se tornou sua própria Cidadela Artística.

Conforme Ferreira (2012), Brennand destacou que a paisagem de sua infância no Bairro da Várzea foi escolhida como o epicentro de sua expressão artística, atuando como alicerce e fonte de inspiração para sua produção criativa. A autora ainda evidencia que o artista enfatizou a sua opção pelo barro como material primordial, o que não apenas fortaleceu sua conexão com a terra mas também o transportou a um universo arcaico, de raízes ancestrais, em que as referências mitológicas moldavam um imaginário profundo. Esse vínculo entre o material e o simbólico remonta à essência primitiva de sua obra, imbuindo-a de uma linguagem rica em significados arquetípicos.

Analisar as obras concentradas em um só espaço me fez perceber, depois, a estética de Brennand em vários lugares do Recife. Das cerâmicas de tons peculiares no chão dos prédios e das principais pontes que ligam as ruas do centro da cidade às esculturas em frente ao Shopping RioMar, no chão do Sindicato dos Professores da UFPE, nas rodovias no centro da cidade e no Parque das Esculturas do Recife Antigo.

Emanoel Araújo (2024), ao falar sobre a obra de Brennand, aclara que expor as esculturas de Francisco Brennand para além dos domínios de sua Oficina impõe um desafio singular, dada a tessitura indissociável entre suas criações e o espaço que as abriga. Suas obras, engastadas na arquitetura, nas ruínas e nos jardins, compõem um visual onde o tempo e a matéria se entrelaçam em um cenário de rara sacralidade profana.

Compartilho da mesma perspectiva de Araújo, quando ele declara que as esculturas de Brennand possuem formas oníricas, de tonalidades ferrosas e superfícies palpitantes e se impõem como um templo pagão habitado por mitos e entidades arcaicas, convertendo o ambiente em um santuário de imaginação e transcendência. Profundamente enraizada na terra e no fulgor tropical da Várzea recifense, a obra de Brennand encerra uma potência simbólica e sensorial que desafia qualquer tentativa de deslocamento, pois sua essência estética e conceitual se dissolve fora do território que lhe confere sentido.

Mais do que um museu etnográfico com variadas narrativas, a Oficina Francisco Brennand constitui-se como um notável conjunto de manifestações artísticas, capaz de transformar o ambiente ao seu redor. Ocupando as ruínas de uma antiga fábrica de cerâmica, sua arquitetura singular é complementada por esculturas de diferentes tamanhos e formas, pinturas vibrantes, jardins exuberantes e galerias de exposição. Esse espaço não é apenas um ponto de exibição, mas também um refúgio bucólico, com influências culturais diversas, onde a arte e a natureza dialogam.

Conforme Eduardo Dimitrov (2024), a Oficina, junto à disseminação das obras de Francisco Brennand pelo Recife, fundiu a identidade do artista à da própria cidade, imprimindo nele e em seu trabalho um forte senso de pertencimento local. Com isso,

as críticas sobre o artista evidenciam a criação de um novo imaginário cultural, que dificilmente teria se concretizado sem a presença da Oficina em sua vida.

Nas idas semanais à Oficina, o diálogo com os motoboys sempre era curioso. Nunca instiguei conversas com os motoristas, mas nesse trajeto o silêncio era exceção. Eles se sentiam abertos a falar sobre o local. Um deles expressou seu pertencimento em relação à mata: “Seguindo aqui nesse trecho vai dar direto com o quintal da minha casa. Eu venho caminhar aqui todo dia no verão, aqui é muito bom, eu só não sei dizer quantas árvores têm, mas conheço de cabo a rabo aqui. Naquela entrada mesmo, ali tinha um campo que era a antiga caixa d’água que a gente fazia de campo de futebol, passamos muito tempo fazendo farra por lá, até que os Brennand acharam demais e acabaram com nossa farra...” Já outro disse: “Aquilo ali é o quintal da minha casa”. Por outro lado, alguns manifestaram seu desconhecimento: “Que caminho é esse? É assim de barro mesmo até o fim?” Quando chegamos perto da Oficina, o mesmo motoboy disparou: “Oxe, eu moro no Curado, e eu nunca soube da existência disso aqui”.

Os diálogos com os motoboys revelaram-se uma das experiências mais significativas dessa vivência, a ponto de conferirem à minha percepção um viés quase antropológico. A constatação de que a obra de Francisco Brennand, amplamente reconhecida no Brasil e no exterior, não havia alcançado plenamente aqueles que transitam cotidianamente pelo território onde sua Oficina se insere, suscitou em mim uma inquietação. O fato de que alguns pilotos sequer tinham conhecimento da existência do museu, enquanto outros o percebiam como uma extensão natural de seu cotidiano, revela as intrincadas dinâmicas territoriais que permeiam esse espaço. Entre a apropriação afetiva e o desconhecimento, a Oficina se apresenta, simultaneamente, como um patrimônio artístico consolidado e um cenário que, para parte da população local, permanece velado.

Essa experiência me levou a pensar sobre os múltiplos caminhos que a arte percorre e como seu acesso pode ser, muitas vezes, condicionado por fatores que vão além da proximidade geográfica. A Oficina Francisco Brennand, situada em meio à exuberância da Mata do São João da Várzea, é um espaço singular, onde arte e natureza se entrelaçam, mas cuja presença na paisagem não garante, por si só, que todos

os que a cercam a experienciam da mesma maneira. Esse contraste entre reconhecimento e invisibilidade não diminui a potência do lugar, mas me incitou uma reflexão sobre como ampliar o diálogo entre arte, território e a comunidade local.

O misto de pertencimento e desconhecimento em relação à mata é marcante, mas o museu e a mata já abrigaram outras narrativas. De antigo engenho à fábrica de cerâmicas finas, o local foi moldado ao longo do tempo, transmutando-se do chão industrial para o solo criativo que conhecemos. O espaço preserva a memória de um passado produtivo de cana-de-açúcar que agora é entrelaçado à natureza e ao legado artístico de Brennand.

## A FAMÍLIA DE FRANCISCO BRENNAND: DA TRAJETÓRIA DO AÇÚCAR À PRODUÇÃO DE ARTE

A história da família Brennand entrelaça-se de forma indissociável com os intrincados processos de colonização e urbanização da cidade do Recife. Para compor um panorama sucinto, apresentarei a seguir uma condensação de décadas da densa trajetória histórica.

Em 1894, a Usina São João da Várzea foi instalada nas terras dos engenhos São João, São Cosme e São Francisco, sob a criação de Francisco do Rego Barros de Lacerda, parente do Conde da Boa Vista. Após seu falecimento em 1899, sua irmã Maria da Conceição assumiu a administração, passando-a, anos depois, para Ricardo Lacerda de Almeida Brennand, seu herdeiro universal. Em 1917, Ricardo fundou a Cerâmica São João e, em 1947, a Fábrica de Porcelanas. O escultor Francisco Brennand, filho de Ricardo, começou em 1971 a revitalização da antiga Cerâmica São João com intuito de transformá-la em ateliê pessoal.

Esse relato evidencia como a história local foi marcada pela atuação de um restrito grupo de famílias que integravam a elite burguesa do Recife. Os empreendimentos, desde a criação do Engenho São João da Várzea, até a fundação da Cerâmica São João e da Fábrica de Porcelanas, permaneceram nas mãos de herdeiros diretos,

revelando uma dinâmica de transmissão de poder e influência familiar sobre os setores produtivos e culturais da cidade.

A herança da família Brennand, em sua complexidade histórica, reflete uma trajetória formada ao longo dos séculos e que tem suas raízes firmemente ligadas na dinâmica da plantação da cana-de-açúcar. É relevante observar que essa conexão entre a produção cultural e a economia se desenvolve de forma complexa, refletindo a interação de diversos fatores históricos, sociais e ambientais. Ao longo do tempo, esses elementos ajudaram a moldar a paisagem cultural associada à família Brennand, cujas contribuições para o campo artístico e cultural são resultado, em parte, dessa rede de relações entre o poder econômico gerado pela monocultura e a formação de um grupo seletivo e influente.

A Oficina Brennand passou por notáveis transformações ao longo das décadas, refletindo as diferentes fases de adaptação e renovação no espaço ocupado pela família Brennand. Essas mudanças evocam as análises de Milton Santos (2021) sobre as transformações no espaço, que demonstram como o espaço se transforma e adquire novos significados com o passar do tempo. Inicialmente dedicado à produção fabril, o local foi reinventado em um centro artístico e cultural, preservando a memória de seu passado industrial, enquanto acolhe novas expressões criativas. Assim, a trajetória do museu ilustra o modo como o espaço se reinventa de acordo com os usos e valores sociais, mantendo seu elo com a história colonial e a identidade cultural do Recife.

Conforme Santos (2021), as mudanças ocorrem no espaço geográfico em função do desenvolvimento econômico e das transformações culturais e sociais. O autor analisa como o ambiente é moldado pelas relações de poder, pelo avanço da tecnologia e pela influência das economias locais e globais, refletindo diferentes processos históricos e sociais. O espaço também é uma entidade dinâmica em contínua transformação, refletindo tanto as estruturas de poder econômico e político quanto às resistências locais. O estudo desse espaço enfatiza a importância de compreender suas “metamorfoses” como elemento essencial para propor alternativas de desenvolvimento que valorizem o uso social do território, que transcende o uso meramente capitalista e de mercado (Santos, 2021).

Assim, é possível afirmar que o espaço se configura como uma entidade dinâmica, cuja metamorfose reflete as transformações econômicas e culturais que o permeiam. A Oficina Francisco Brennand exemplifica essa concepção ao transitar da estrutura do engenho – inserido em uma lógica capitalista de produção voltada ao mercado – para se tornar um ateliê dedicado à criação artística. Tal reconfiguração do território não apenas ressignifica o uso do espaço, mas também subverte a lógica produtiva convencional, propondo uma nova leitura do ambiente como uma arena de resistência cultural e um refúgio da urbanidade. Ao mesmo tempo, essa transformação não pode ser dissociada das complexas relações históricas e sociais que, ao longo do tempo, moldaram o espaço, mantendo-o imerso nas tensões entre práticas econômicas e culturais.

Ao longo de minha imersão na pesquisa, revisitando vídeos nos quais Francisco Brennand aborda a Várzea, bem como seus relatos no diário sobre a Cheia de 1975, tornou-se patente a relação intrínseca e multifacetada entre o artista e o território que o abrigava. No seu diário, onde ele descreve com minúcia os pesadelos que o assolaram ao ver a inundação que submergia a paisagem de sua janela, nota-se a apreensão diante da transitoriedade do ambiente, refletindo sua imersão emocional no espaço.

Da mesma forma, o hábito de seu pai de coletar folhas, flores e frutos da mata e incentivá-lo a representá-los em cerâmicas e desenhos demonstra uma conexão direta com as formas naturais. Além disso, evidencia como essas imagens foram incorporadas ao processo criativo tanto do pai quanto do próprio artista. Ademais, a forma como Brennand estabeleceu e consolidou o território da Oficina como um ateliê pessoal revela uma apropriação consciente e deliberada do espaço, que passou a ser o cenário fundamental para sua expressão criativa.

Após conhecer mais profundamente a arte brennandiana e refletir sobre a personalidade de Francisco Brennand enquanto artista e também herdeiro, pude compreender com mais clareza os motivos que o conectam tão intensamente à Várzea. Aquele vasto território, além de ser uma mata preservada – que por muitos anos foi área de plantação intensiva de cana-de-açúcar –, representava um significativo recorte territorial que sua família cultivou e dominou ao longo das décadas, desde o final do século XIX.

Para Francisco Brennand, a Várzea não era apenas um espaço de contemplação ou um ponto de referência geográfica; ela se configurava, de maneira congênita, como um símbolo de pertencimento e de poder, sendo não apenas o ambiente que abrigava sua residência ou ateliê pessoal, mas também uma soberania familiar que se estendia por gerações, consolidando uma relação quase indissociável entre o seu legado artístico e as raízes profundas de sua ancestralidade territorial.

## AS RELAÇÕES TERRITORIAIS

Durante uma das minhas visitas à Oficina, tive a oportunidade de explorar a exposição *Invenção dos reinos*, com curadoria de Ariana Nuala e Marcelo Campos. Ao percorrer as diversas obras de múltiplos autores, fui até a parte superior da mostra, onde encontrei um exemplar de *Diálogos do paraíso perdido* (1990). Nesse livro, Francisco Brennand compartilha suas memórias e pensamentos sobre a preservação da mata, revelando suas inquietações diante do tema.

Para Brennand (1990), a devastação das florestas não se limita à Floresta Amazônica, mas abarca também a Mata Atlântica, ressaltando a imperatividade de uma consciência coletiva, conjugada à implementação de iniciativas metódicas de sensibilização. Brennand afirma:

Dou um exemplo: por que tudo isso aqui na Várzea ainda existe? Está nas mãos da minha família há mais de 130 anos. E tudo isso já poderia, em termos brasileiros, ter sido dilapidado, os herdeiros se desentendidos e tudo já ter passado a terceiros que certamente não teriam o respeito que nós tivemos. Na verdade também comandado e orientado pelo meu pai, que manteve esse cuidado com o meio ambiente, muito antes de se falar nem sequer longinquamente, desse interesse, que já era uma preocupação de Ricardo Lacerda Almeida Brennand. Ele proibiu a caça e pessoalmente tomava espingardas

[...] aqui de pessoas que invadiam, que “passarinhavam”. Não admittia, absolutamente, a derrubada de árvores (Brennand, 1990, p. 56).

Nas palavras de Francisco, a Mata de São João da Várzea permanecia preservada graças ao cuidado de sua família, especialmente de seu pai, que proibia a caça em suas terras. É relevante destacar que essa área corresponde a uma Mata Atlântica Secundária e, atualmente, integra uma Unidade de Conservação estadual. Os limites da propriedade familiar se sobrepõem à reserva ecológica estadual, de modo que, diante de seus 64,52 hectares, a distinção entre o território privado e a área protegida torna-se difusa.

A preocupação ambiental manifestada por Francisco Brennand suscitou-me uma série de questionamentos, que, longe de serem meras curiosidades, revelam as complexas dinâmicas de poder e propriedade envolvidas. Quem, de fato, seriam os invasores de suas terras? Caso a mata não estivesse sob os cuidados de sua família, seria possível acreditar na sua conservação? O termo “passarinhar” carrega, talvez, um significado mais profundo do que aparenta; qual seria sua verdadeira essência? Quais os limites, senão fluidos e arbitrários, entre a propriedade privada e a reserva ecológica? E, por fim, como podemos compreender a distinção entre esses territórios? Ou seria essa diferenciação, em última análise, uma construção influenciada por interesses específicos?

Atualmente, nas referidas áreas de mata, residem pessoas da comunidade varzeana que dependem da prática extrativista, notadamente a coleta de frutos, como a do cajá. Adicionalmente, há aqueles que se dedicam a caminhadas e trilhas diárias, assim como indivíduos que utilizam a cachoeira para banhos, conferindo ao território uma função de lazer e recreação. Nesse contexto, é pertinente questionar se, para Brennand, tais práticas poderiam ser vistas como uma manifestação de “passarinhagem”.

Toda UC deve ser acompanhada por um plano de manejo, que deve ser elaborado de forma colaborativa com a comunidade local, aprovado pelas autoridades competentes e efetivamente implementado. Ele é essencial para assegurar a gestão

sustentável dos recursos naturais e o equilíbrio entre a conservação ambiental e as necessidades da população. No entanto, a unidade de conservação da Mata São João da Várzea carece de um plano de manejo formalmente estabelecido, o que compromete a eficácia de sua conservação e a integração das práticas de uso sustentável com os interesses da comunidade circundante.

Separar o ser humano da natureza é um conceito antinatural. A ideologia que preconiza a criação de espaços verdes imutáveis, livres da intervenção humana, é antiquada e obsoleta. Afinal, não há nenhum espaço verdadeiramente desocupado no mundo; em todos os lugares existe uma interação social, seja ela humana ou não. O que se deve buscar é uma convivência harmoniosa, onde os bens naturais sejam usufruídos de maneira equitativa, beneficiando a todos, independentemente de classe social, raça ou etnia.

Antonio Carlos Diegues, em *O mito da natureza intocável* (2008), refere-se à concepção de uma natureza idealizada, concebida como impalpável e alheia à intervenção humana, frequentemente associada à preservação de áreas naturais, como parques e reservas ecológicas. Diegues, no entanto, critica essa noção, destacando que os seres humanos sempre estabeleceram relações de interação e transformação com natureza, seja por meio de práticas de manejo, cultivo ou alteração dos territórios.

Para Diegues (2008), a ideia de uma natureza pura e intocada, separada da ação humana, configura-se como uma abstração irreal, que desconsidera as complexas dinâmicas de convivência entre os seres humanos e o seu entorno. Além disso, tal perspectiva negligencia os saberes e modos de vida de povos tradicionais, que, ao longo do tempo, desenvolveram formas de coexistência harmônica com a natureza, sem necessariamente destruí-la. Em suma, esse mito serve para idealizar e separar o ser humano da natureza, ignorando as interações intrínsecas e permanentes que sempre caracterizaram essa relação.

Nesse sentido em questão, o ser humano não deve ser compreendido como um invasor nas áreas verdes, mas como uma entidade intrínseca a elas. Ao adotar uma postura de harmonia, o ser humano reconhece sua interdependência com o meio am-

biente, entendendo que suas ações devem ser orientadas pela conservação e pela convivência sustentável, em vez de pela dominação ou exploração dos ecossistemas. Somente dessa forma será viável a construção de uma relação mais equilibrada e responsável, na qual a natureza não se configura como um recurso passível de consumo, mas como um sistema vivo do qual somos uma extensão essencial.

Todos esses elementos encontram-se profundamente entrelaçados às dinâmicas territoriais, uma vez que o território, por sua essência, configura-se como um espaço impregnado de significados políticos. Foi a partir dessa interpretação do trecho do *Diálogos do paraíso perdido* (1990), que decidi discorrer acerca das relações territoriais da Mata São João da Várzea.

Milton Santos destaca: “O território é o lugar em que desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto é, onde a história do homem plenamente se realiza a partir das manifestações da sua existência” (Santos, 2006, p. 13). Essa reflexão revela o território como uma entidade viva e em constante transformação, moldada pelas dinâmicas históricas e pelas interações humanas. Nesse espaço, ocorrem mudanças sociais, econômicas e ambientais, refletindo as formas pelas quais as sociedades se organizam e se vinculam ao mundo.

Dessa forma, o território se configura como uma entidade mutável e dinâmica, cuja configuração é determinada pelas relações sociais, sejam elas simétricas ou assimétricas. Sua definição resulta da interação entre os indivíduos e o transcurso do tempo. No caso da Várzea, por longos períodos, a família Brennand exerceu a maior influência na delimitação e no controle desse espaço.

Diante desse contexto, voltei-me à busca por pessoas que de fato habitam dentro da mata, pois como seria possível abordar as dinâmicas territoriais sem considerar aqueles que diariamente vivenciam, moldam e transformam esse espaço? Foi com essa inquietação que procurei Aliandro, mais conhecido como Léo, funcionário da gerência de Acervo da Oficina, sempre simpático e solícito. Ao indagá-lo sobre a presença de moradores na mata, ele prontamente mencionou duas irmãs que residem na antiga vila dos trabalhadores – um núcleo outrora pulsante, agora reduzido

a apenas duas habitações: a delas e outra, em estado de abandono. Eis, portanto, mais um desdobramento do trabalho de campo.

Fui, então, ao encontro das irmãs, com o intuito de estabelecer um diálogo sobre o território que habitam. A conversa, regada a água de coco e frutas que as duas colheram do seu quintal, foi permeada por momentos de descontração e risadas. O diálogo revelou-se extremamente enriquecedor, trazendo à tona histórias das suas vidas e do espaço.

A relação das irmãs com a família Brennand e com o território é marcada por vínculos de trabalho, construídos ao longo dos anos de convivência. A mãe das entrevistadas trabalhou por 17 anos com Dona Dulce, mãe de Francisco Brennand, cuidando dos filhos da família desde que eram crianças.

O lar das irmãs, por sua vez, é um espaço de resistência e memória. Localizada em uma região que antes era dominada por plantações de cana-de-açúcar, a casa passou por transformações significativas, desde a chegada de indústrias cerâmicas até a urbanização e a construção do metrô. Apesar das mudanças no entorno, a família optou por permanecer no local, recusando acordos de desapropriação que ofereciam compensações financeiras. Para eles, a casa e o terreno representam mais do que um patrimônio material; são um símbolo de suas raízes e da história que construíram ali.

As irmãs mantêm um extenso repertório de árvores frutíferas, ervas e plantas ornamentais, todas cultivadas por suas próprias mãos. Em seu quintal, estabeleceram uma espécie de soberania alimentar, um cenário cada vez mais incomum nos dias atuais, onde a autonomia e a conexão com a terra se destacam como um testemunho de resistência e de harmonia com a natureza.

Rita Montezuma, em *Sobre Geografia(s) e quintais (2025)*, propõe uma investigação sobre os quintais como objetos-chave para entender a urbanização. A autora destaca a importância dos quintais em espaços periféricos, abordando sua relevância socioambiental, cultural e ecológica. Há uma necessidade de uma abordagem multiescalar e multidimensional, integrando diferentes campos do conhecimento, como biogeografia, ecologia política e geografia urbana, para compreender a complexidade desses espaços.

Montezuma (2025) discute a relação entre os quintais e a urbanização, destacando como esses espaços refletem práticas sociais, memórias e identidades, especialmente em comunidades marginalizadas. A autora defende uma geografia mais plural e inclusiva, questionando a neutralidade científica e propondo uma “ecologia dos saberes” que valorize epistemologias subalternizadas. Diante disso, é instigante repensar os quintais como espaços de resistência, sociobiodiversidade e produção de conhecimento.

Os quintais das irmãs são um exemplo vivo da geografia dos quintais proposta por Rita Montezuma (2025). Como a autora destaca, esses espaços transcendem a mera função de áreas externas de uma residência, assumindo um papel central na construção de identidades, memórias e práticas sociais. No caso das irmãs, o quintal é um espaço de resistência e soberania alimentar, onde o cultivo de árvores frutíferas, ervas e plantas ornamentais reflete uma conexão profunda com a terra. Esse cenário ecoa a ideia de Montezuma de que os quintais são espaços de sociobiodiversidade, capazes de integrar dimensões ecológicas, culturais e afetivas, especialmente em contextos periféricos ou marginalizados.

A conservação desse espaço, inserido em um contexto marcado por transformações radicais, como a industrialização e a urbanização, evidencia a relevância dos quintais como locais de conservação de memórias e práticas coletivas. Tais ambientes demandam uma abordagem multiescalar e multidimensional, que reconheça sua intrincada natureza e sua aptidão para abrigar saberes tradicionais e marginalizados. O quintal das irmãs, assim, transcende a mera função de refúgio verde, configurando-se como um testemunho de uma geografia plural e inclusiva, na qual a relação com o território é tecida por laços afetivos, históricos e ecológicos.

Para elas, a conexão com o território é profundamente enraizada em um senso de pertencimento e resistência. Enquanto diversas famílias optaram por aceitar acordos e se deslocar, as irmãs decidiram permanecer, preservando as memórias. Essa escolha reflete um apego emocional ao lugar, onde as narrativas familiares se entrelaçam com as metamorfoses do território, forjando um vínculo que ultrapassa a dimensão material, enraizando-se no afeto e na identidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões desenvolvidas ao longo deste estudo possibilitaram uma análise das inter-relações e conexões territoriais entre a Mata do São João da Várzea e a Oficina Francisco Brennand, refletindo sobre as dinâmicas sociais, culturais e ambientais que permeiam esse espaço. Sob a ótica geográfica, tornou-se possível compreender o território não apenas como um dado físico e estático, mas como uma construção dinâmica e em constante transformação, resultante da interação entre fatores humanos, históricos e naturais.

A Oficina Francisco Brennand, inserida no contexto da Mata do São João da Várzea, constitui um exemplo da interseção entre arte e natureza, evidenciando a influência mútua entre essas esferas. A conversão do espaço de uma antiga fábrica de cerâmica para um renomado centro artístico e cultural ilustra um processo de ressignificação territorial no qual o legado industrial se entrelaça com a criação artística. Essa metamorfose espacial reflete não apenas as transformações econômicas, sociais e culturais ocorridas ao longo do tempo, mas também a necessidade de compreender o território como uma entidade viva, sujeita a contínuas reconfigurações.

A Mata do São João da Várzea, por sua vez, desempenha um papel crucial nesse panorama. Enquanto Unidade de Conservação, ela representa um refúgio de biodiversidade em meio ao avanço da urbanização na Região Metropolitana do Recife. No entanto, sua conservação não pode ser dissociada das práticas e vivências das populações locais, que mantêm laços históricos e afetivos com esse território. A presença de moradores que dependem da mata para a existência e lazer, como as irmãs que habitam a antiga vila dos trabalhadores, revela a complexidade das relações entre sociedade e natureza. Tal realidade desafia a concepção de uma natureza intocável e ressalta a necessidade de políticas de gestão ambiental que integrem as demandas das comunidades locais, promovendo um equilíbrio entre conservação e inclusão social.

A leitura empreendida também evidenciou a centralidade do território enquanto espaço político, onde relações de poder e propriedade influenciam diretamente suas dinâmicas de uso e acesso. O exemplo da família Brennand, cuja trajetória está intrin-

secamente ligada à Mata do São João da Várzea, ilustra como grupos específicos podem moldar a paisagem e as configurações territoriais ao longo do tempo. Entretanto, torna-se imperativo questionar até que ponto essa preservação se configura como um processo acessível e inclusivo para os diversos segmentos da sociedade, sobretudo para aqueles que dependem diretamente dos bens naturais para sua sobrevivência.

Essa perspectiva de pensamento reforça a relevância de uma abordagem integrada e multidisciplinar na compreensão das dinâmicas territoriais, em que saberes da geografia, antropologia, ecologia e outras áreas do conhecimento possam convergir na busca por soluções sustentáveis e equitativas. A Oficina Francisco Brennand e a Mata do São João da Várzea transcendem suas funções originais, erigindo-se como símbolos de resistência cultural, conservação ambiental e transformação social. A continuidade desse diálogo entre arte, natureza e comunidade revela-se essencial para garantir que esses espaços permaneçam como fontes de inspiração, pertencimento e sustentabilidade para as gerações futuras.

A concepção do espaço como uma construção dinâmica e relacional – nos moldes propostos por Milton Santos – torna evidente que a Mata do São João da Várzea e a Oficina Francisco Brennand transcendem a condição de meros cenários paisagísticos, assumindo-se como agentes e produtos de transformações contínuas. O território em análise revela-se uma síntese dialética entre a história colonial, poder, arte e natureza, no qual as práticas humanas conformam e são conformadas pelo espaço, reafirmando o caráter processual do geográfico, sempre em devir. A conservação da mata nos moldes atuais, a ressignificação da Oficina e as tensões entre propriedade privada e interesse coletivo ilustram como o espaço opera simultaneamente como palco e resultado dessas dinâmicas, sublinhando a premência de políticas que reconheçam sua natureza plural e interdependente.

Em síntese, esse ensaio evidencia que esse espaço se configura como um campo de possibilidades, no qual interações humanas e naturais se entrelaçam de maneira complexa e dinâmica. A compreensão dessas relações é fundamental para a construção de um futuro mais ecológico, no qual arte, natureza e comunidade possam coexistir de forma equilibrada.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Emanuel. Brennand esculturas: o homem e a natureza. In: NUALA, Ariana; REBOUÇAS, Júlia; MINDÊLO, Olívia (org.). *No labirinto do sonho: 50 anos da Oficina Francisco Brennand*. Recife: Ubu, 2024. p. 207-215. Este ensaio foi originalmente publicado no catálogo da exposição individual de Francisco Brennand, realizada pelo Museu Oscar Niemeyer (MON) em Curitiba-PR, no ano de 2004, apresentando obras escultóricas do artista sob o mesmo título deste texto. Para esta edição, o ensaio foi revisitado e reeditado. Disponível em: <https://oficinafranciscobrennand.org.br/no-labirinto-do-sonho-50-anos-da-oficina-francisco-brennand/>. Acesso em: 10 jan. 2025.

BRASIL. Congresso. Senado. Lei nº 9985, de 18 de julho de 2000. *Constituição Federal, institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza e dá outras providências*. Brasil, BR. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19985.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19985.htm). Acesso em: 31 jan. 2024.

BRENNAND, Francisco. *Diálogos do paraíso perdido*. Recife: Prefeitura da Cidade do Recife, 1990.

CONSELHO NACIONAL DO MEIO AMBIENTE. Resolução, de 7 de dezembro de 1994. 1. ed. Diário Oficial da União, BRASIL: Brasil.

CPRH (org.). *Unidade de conservação RVS Mata São João da Várzea*. 2023.

DIEGUES, Antonio Carlos. *O mito moderno da natureza intocada*. 6. ed ampliada. São Paulo: Hucitec/Nupaub-USP/CEC, 2008.

DIMITROV, Eduardo. A Oficina: produto e produtora de Francisco Brennand. In: NUALA, Ariana; REBOUÇAS, Júlia; MINDÊLO, Olívia (org.). *No labirinto do sonho: 50 anos da Oficina Francisco Brennand*. Recife: Ubu, 2024. p. 127-135. Disponível em:

<https://oficinafranciscobrennand.org.br/no-labirinto-do-sonho-50-anos-da-oficina-francisco-brennand/>. Acesso em: 10 jan. 2025.

FERREIRA, Rosane Félix. *Ensinos do barro: conversas com Francisco Brennand*. 2012. 99 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Curso de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/14498>. Acesso em: 30 out. 2024.

LIMA, Camila da Costa. *Francisco Brennand: aspectos da construção de uma obra em escultura cerâmica*. São Paulo: Editora Unesp, 2009. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/jvjh7>. Acesso em: 01 nov. 2024.

MONTE, Camilla Aryana da Silva. *Quantos bairros comportam um bairro?: uma análise do bairro da Várzea em Recife-PE*. 2020. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2020. Disponível em: <https://attena.ufpe.br/bitstream/123456789/50282/1/DISSERTA%C3%87%C3%83O%2OCamilla%20Aryana%20da%20Silva%20Monte.pdf>. Acesso em: 31 jan. 2024.

MONTE, Camilla Aryana da Silva. *Entre o bucólico e o moderno: o processo de verticalização na área central da Várzea*. In: XVI Simpósio Nacional de Geografia Urbana – SIMPURB, 2019, Vitória-ES. Anais do XVI SIMPURB, 2019. p. 436-449. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/simpurb2019/article/view/26710>. Acesso em: 01 fev. 2024.

MONTEZUMA, R. Sobre Geografia(s) e quintais. *Giramundo: Revista de Geografia do Colégio Pedro II*, [S. l.], v. 10, n. 20, p. 19-28, 2025. DOI: 10.33025/grgcp2.v10i20.4444. Disponível em: <https://portalespiral.cp2.g12.br/index.php/GIRAMUNDO/article/view/4444>. Acesso em: 16 mar. 2025.

NASCIMENTO, Osvaldo Eliziário do. *Desmatamento na Reserva Florestal do Curado: os impactos ambientais decorrentes da construção da Arena Pernambuco, em São Lourenço da Mata-PE*. 2017. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017. Disponível em: <https://attena.ufpe.br/bitstream/123456789/46656/1/DISSERTA%c3%87%c3%83O%20Osvaldo%20Elizi%c3%alrio%20do%20Nascimento.pdf>. Acesso em: 01 fev. 2024.

SANTOS, Milton. *Capítulo I: O dinheiro e o território*. In: SANTOS, Milton et al. *Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial*. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. p. 13-21.

SANTOS, Milton. *Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia*. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1988.

SANTOS, Milton. *Metamorfose do espaço habitado*. 6. ed. São Paulo: Edusp, 2021.

SANTOS, Sandra Leopoldina. *Lugar do Imaginário. Seminário de Arte e Mitologia na Obra de Francisco Brennand*, 29 de agosto de 2008.



## MANTENEDOR



Grupo Cornélio Brennand

## PATROCÍNIO



## APOIO



## PROJETO DE COOPERAÇÃO TÉCNICA



## REALIZAÇÃO

MINISTÉRIO DA  
CULTURA

